



Conheça a Pesquisadora: Mary E. Hunt¹

Meet the Scholar: Mary E. Hunt

Mary E. Hunt²

Resumo: Este artigo traz a apresentação feita pela autora na atividade “Conheça a Pesquisadora”, promovida pelo Grupo de Pesquisa indecências – Religião, Gênero e Sexualidade (ReGeSex – PPCIR/UFJF). Oferece reflexões sobre (1) como Mary E. Hunt chegou à América Latina e como isso mudou sua vida; (2) WATER e o que faz; (3) algumas tendências e desenvolvimentos nos estudos feministas em religião ao longo dos quarenta anos desse trabalho; (4) o que nós podemos razoavelmente esperar no futuro. Narrando sua trajetória em primeira pessoa e desde a sua própria experiência, a autora convida a reflexões sobre questões importantes e profundas relacionadas à trajetória das teologias feministas e queer, o contexto atual e desafios e possibilidades para o futuro.

Palavras-chave: Mary E. Hunt. Teologia feminista. WATER. Feminismo.

Abstract: This article brings the presentation done by the author in the activity “Meet the Scholar”, promoted by the Research Group indecencies – Religion, Gender and Sexuality (ReGeSex – PPCIR/UFJF). It offers reflections on (1) how Mary E. Hunt got to Latin America and how it changed her life; (2) WATER and what it does; (3) some trends and developments in feminist studies in religion over forty-five years of this work; (4) what we might reasonably expect in the future. Narrating her trajectory in first person and from her own experience, the author invites reflections on important and profound issues related to the trajectory of feminist and queer theologies, the current context and challenges and possibilities for the future.

Keywords: Mary E. Hunt. Feminist Theology. WATER. Feminism.

Introdução

Como eu cheguei na América Latina e como isso mudou minha vida

Eu nasci e cresci em Syracuse, Nova Iorque (1951), numa família católica irlandesa. Eu frequentei escolas secundária pública e secundária e de ensino médio católica. Como uma pessoa branca de classe média eu fui privilegiada de muitas maneiras. As freiras franciscanas nos expuseram ao racismo no centro da cidade, discriminação étnica contra povos americanos nativos e pobreza em Appalachia.

¹ Texto apresentado em “Meet the Scholar/Conheça a Pesquisadora”, que aconteceu em 18 de dezembro de 2024. A atividade foi organizada pelo Grupo de Pesquisa indecências – Religião, Gênero e Sexualidade (ReGeSex), do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF). Tradução de Andrea Musskopf e revisão de Giovanna Sarto.

² Teóloga Feminista. WATER – Women’s Alliance for Theology, Ethics, and Ritual [Aliança de Mulheres para Teologia, Ética e Ritual]. mhunt@hers.com



A guerra do Vietnã estava em seu auge quando eu fui para a Universidade Marquette (1969), uma instituição jesuíta onde eu estudei Teologia e Filosofia. Durante a guerra, eu me envolvi em protestos não-violentos de estudantes, bem como trabalhando com um programa de ação social com residentes pobres no centro da cidade.

Eu fui para a Harvard Divinity School (1972) para fazer um Mestrado em Estudos Teológicos. Era um contraste forte com a Marquette – Protestante com muitas/os estudantes se preparando para o ministério, um conceito que eu, como uma mulher católica, não tinha considerado. Lá eu conheci a grande teóloga feminista Rosemary Radford Ruether que se tornou uma colega e amiga da vida toda. Eu estudei com o jesuíta uruguaio Juan Luis Segundo cujo trabalho sobre teologia da libertação latino-americana estava em paralelo com o trabalho de Ruether sobre teologia feminista.

Depois de Harvard, eu fui para o Graduate Theological Union/Universidade de California, Berkeley (1974) para um Doutorado em filosofia e teologia sistemática. Não é coincidência que eu escrevi minha tese de doutorado sobre “Teologia Feminista da Libertação: O desenvolvimento de método em construção” depois do tempo de formação com a Professora Ruether e o Professor Segundo.

A teologia feminista estava começando a emergir como um assunto sério de estudo com as teologias *womanista*, *mujerista* e asiática fazendo suas próprias contribuições importantes. Da mesma forma, a teologia da libertação na América Latina estava se desenvolvendo com as mulheres ainda não estando entre as vozes mais escutadas. Em Berkeley, eu encontrei uma variedade de tradições religiosas, estilos de vida e perspectivas políticas. O feminismo era *de rigueur*. Muitas de nós que saímos do armário como lésbicas o fizemos com uma relativa facilidade como mulheres brancas com educação superior. Nós éramos marginalizadas profissionalmente, mas desfrutávamos de ótima comunidade. Nossas irmãs de diferentes etnias e identidades raciais³ tinham uma tarefa muito mais dura, e aprendemos delas o que significa sobrevivência.

Eu estava interessada nos esforços das mulheres católico-romanas pela ordenação. Eu fui rapidamente persuadida de que não permitir que as mulheres fossem sacerdotisas era discriminação de categoria. Isso permitia, de fato encorajava outras formas de discriminação contra mulheres, pessoas de diferentes etnias e identidades

³ N.T.: em inglês “colored”.



raciais⁴, pessoas LGB (nesses tempos pessoas Trans não eram parte dos movimentos e “Queer” ainda era uma palavra ruim), e outras.

Eu também sabia que como uma acadêmica eu precisava ter experiências práticas, concretas assim como estudo. Além do mais, que queria aprender sobre ministério. Assim, eu me matriculei na Escola Jesuíta de Teologia de (1977) para um Mestrado em Teologia com os jesuítas escolásticos que em breve se tornariam sacerdotes. Havia uma outra mulher na minha sala, uma Irmã do Bom Pastor madura, altamente experiente que sabia mais sobre ministério e justiça social do que o resto de nossos colegas combinados. Eu fiz todas as aulas que os homens fizeram – como escutar confissões, como celebrar a Eucaristia e outros sacramentos, Lei Canônica, pregação e mais.

Eu passei o verão fazendo Educação Pastoral Clínica (CPE), uma prática supervisionada em aconselhamento, numa prisão para mulheres, que foi o ponto alto de minha carreira acadêmica. Eu aprendi mais das mulheres prisioneiras do que eu tinha aprendido em qualquer sala de aula. Elas foram minhas melhores professoras, pacientes com uma garota jovem, branca, e agradecida de que finalmente havia mulheres ministrando a ela.

Meus colegas receberam seus diplomas e foram ordenados. Eu recebi meu diploma. Foi um encontro duro, mas muito real com o patriarcado católico que clareou o que eu sabia teoricamente e teologicamente, mas então aprendi visceralmente. A pena era que nós, mulheres no JSTB, estávamos igualmente qualificadas, senão em alguns casos mais qualificadas, do que nossos colegas homens. Mas o gênero prevaleceu.

Eu terminei minha tese e fui para Buenos Aires, Argentina (1980) como parte do Estágio Fronteira no Programa de Missão, um experimento internacional em missão. Eu trabalhei com a Professora Beatriz Melano Couch, uma das primeiras mulheres latino-americanas a ter um doutorado em teologia e dar aulas num programa de pós-graduação. Ela me convidou para me juntar a ela nas aulas no ISEDET, o seminário protestante ecumênico em Buenos Aires, onde ela era a única mulher professora.

O Programa de missão Estágio Fronteira (FIM) baseado em Genebra enviou assim chamadas “jovens cristãs criativas” para aprender e viver em outras culturas, desenvolver habilidades e redes para futura liderança na igreja. Como uma mulher

⁴ N.T.: em inglês “colored”.



católica, futura liderança na igreja não era provável para mim. Mas o programa me queria, então eu fui com felicidade em 1980 no meio da ditadura argentina. Eu estudei espanhol com uma professora particular em Buenos Aires e me juntei ao corpo docente no ISEDET como Professora Visitante.

Beatriz Couch não estava bem de saúde e, assim, não pudemos colaborar como esperávamos, embora fôssemos amigas há muito tempo. Eu encontrei meu caminho para as feministas seculares na cidade. Entre elas estava a fotógrafa Alicia d'Amico; a antropóloga Sara Josephina Newbery; e minha querida colega do Centro de Estudos Cristãos, socióloga metodista Mabel Filippini com quem eu atuei muito em colaboração. Elas já são falecidas, mas foram minhas professoras, minhas queridas amigas, minhas irmãs nos anos desafiantes da ditadura. A teologia feminista era nova na Argentina. Eu ensinei a elas sobre ela, mas elas me ensinaram todo o resto.

Meio que por acaso eu colaborei com Servio Paz y Justicia cujo diretor, Adolfo Perez Esquivel, recebeu o Prêmio Nobel da Paz naquele ano. Eu era voluntária naquele escritório, então eu estava próxima ao trabalho de direitos humanos. As Mães da Praça de Maio estavam caminhando em círculos de protesto silencioso cada quinta-feira à tarde às 3:00. Eu fui lá e caminhei com elas embora a polícia nos observasse de perto. Era uma oportunidade de educação para uma gringa jovem.

O ISEDET foi bombardeado em 22 de novembro de 1980. Os/as professores/as tinham decidido receber uma reunião no ISEDET sobre “Direitos Humanos e Juventude”. A retaliação, presumivelmente pelo governo, foi incendiar nossa biblioteca com uma perda de 1.000 livros. Graças a Deus, ninguém morreu naquela noite. Ainda assim, para aquelas/es de nós que morávamos no ISEDET foi uma experiência assustadora e formadora. Para mim, foi literalmente um batismo de fogo que me vinculou com as pessoas e o lugar para o resto da minha vida.

Meu trabalho era dar aulas no ISEDET. Eu oferecia teologia feminista e um curso sobre Dietrich Bonhoeffer. Meu trabalho se expandiu para incluir reuniões com grupos de mulheres em Rosario, Cordoba e Mendoza, Argentina e em outros lugares do Cone Sul, especialmente Santiago, Chile e Montevidéu, Uruguai. Eu tive a oportunidade de trabalhar com muitas mulheres ao longo dos meus dois anos de FIM e em minhas visitas subsequentes. WATER tem colaborado por muito tempo com Católicas pelo Direito de Decidir no Brasil, com Com-spirando no Chile liderada por Judy Ress, e com



muitas teólogas individualmente, especialmente com a grande e boa Ivone Gebara do Brasil.

A experiência de viver na América Latina mudou minha vida. Eu sou para eternamente grata pela experiência do meu Estágio Fronteira que me trouxe um amor de vida toda pela América Latina, primeiro pela Argentina, depois Chile e Uruguai, então Brasil e Cuba. Eu devo isso a tanta gente.

1. WATER e o que nós fazemos

Quando eu terminei meu tempo na Argentina eu vim para Washington, DC (1982-3) onde Diann New e eu co-fundamos a Aliança de Mulheres para Teologia, Ética e Ritual (WATER). WATER é uma organização educacional sem fins lucrativos em Silver Spring, Maryland (a três quadras de Washington, DC). Por mais de quarenta anos, WATER tem sido um lugar para ir para estudos feministas em religião. Não pretendo fazer soar grandioso. Nós somos um pequeno time num escritório modesto. Mas nós temos criado e nutrido um “Novo Lugar” nas palavras da filósofa feminista Mary Daly, onde o estudo acadêmico da religião se encontra com as necessidades reais das pessoas buscando vidas espirituais justiça social. Seja uma mulher ministra que vem em busca de acompanhamento espiritual ou uma estudante de pós-graduação que usa nossa biblioteca para sua pesquisa feminista, seja uma estagiária menonita ou uma pesquisadora islandesa, muitas e variadas pessoas vêm para WATER.

A incrível proliferação de livros, revistas, artigos, e podcasts somente aumenta em quantidade, complexidade e variedade. O que iniciou como um campo predominantemente cristão e judeu branco, estudos feministas em religião agora é exponencialmente diverso na medida em que colegas do Islã, Budismo, grupos Pagãos/Wicca, religiões indígenas, Hinduísmo, e muitas outras tradições, incluindo as/os “espirituais mas não religiosas/os”, as/os nenhuma (nenhuma das indicadas acima), e minhas novas favoritas, as/os “nunca mais”, buscam suas respostas. Nosso Centro de Recursos inclui milhares de livros e mais, tudo para empréstimo gratuito.

As formas interligadas de opressão incluindo racismo, ecocídio, homofobia [homohatred], transfobia, desigualdade econômica, capacitismo e mais agora conformam o que a biblista feminista Elisabeth Schüssler Fiorenza tão oportunamente definiu como “kiriarcado” ou estruturas de senhorio. O trabalho feminista em religião



está dedicado a erradicar esses e oferecer outros insights na tarefa de como reconstruir uma sociedade justa e inclusiva.

Nos círculos de WATER, nós explicitamente afirmamos que nossos esforços são para trazer valores religiosos feministas para o trabalho por mudança social. Nós rejeitamos mitos de objetividade científica e desencorajamos o estudo da religião somente por si só. Ao invés disso, nós reconhecemos o papel importante de valores espirituais na vida pessoal e comunitária e encorajamos todas as pessoas, especialmente mulheres e aquelas que têm sido tradicionalmente marginalizadas da construção da religião, a se tornarem protagonistas de sua própria espiritualidade.

Quarenta anos atrás, minha parceira com formação similar Diann Neu e eu começamos WATER porque nós estávamos literalmente bem-vestidas sem lugar pra it. Como mulheres católicas que eram abertamente lésbicas e publicamente pró escolha, nós não éramos bem-vindas na maioria dos espaços católicos.

Ao longo dos anos, WATER patrocinou dezenas de programas e retiros, centenas de rituais e sessões de meditação, dezenas de teleconferências mensais com algumas das pessoas mais inteligentes na área compartilhando seu trabalho com pessoas de todo o mundo. Nós escrevemos incontáveis artigos, blogs e diversos livros. Mais importante, nós desenvolvemos uma Aliança de pessoas que fazem esse trabalho e querem fazê-lo juntas.

Nós tivemos mais de noventa estagiárias WATER incluindo católicas, protestantes, budistas, muçulmanas, judias e aquelas que não professam qualquer fé religiosa, agora chamadas de “nenhumas”. Também tivemos freiras em nosso rol.

Nossos programas mensais incluem meditação WATER, talvez sobre uma Deusa ou usando poesia sobre antirracismo como trampolins para oração contemplativa. Nós temos mensalmente apresentações WATER por teólogas como Phyllis Zagano sobre o Sínodo Católico 2023-2024 e Susan Brooks Thistlewaite, presidenta emérita do Seminário Teológico de Chicago que agora está escrevendo livros de mistério como *Surfacing*. Nós também temos rituais WATER mensais que incluem bênçãos a ministras e estagiárias feministas; orações pela paz, e convites para lembrar de mulheres históricas que são nossas ancestrais espirituais.



WATER é um escritório pequeno, mas cheio, um lugar onde a chaleira de chá está ligada e a conversa é bem-vinda. Tal loci de trabalhos feministas em religião oferece lastro para o futuro.

2. Algumas tendências e desenvolvimentos nos estudos feministas de religião

Quando eu olho para trás nos meus estudos e essas quatro primeiras décadas de WATER, muitas coisas mudaram. Eu olho para duas apenas para dar um sabor dessas mudanças:

A. Como a preocupação com gênero mudou as religiões e

B. A relação entre estudos feministas de religião e ativismo social

Como feminista/ativista acadêmica, eu estou particularmente interessada no impacto de questões relacionadas a gênero sobre o bem-estar da Terra e suas/seus habitantes, humanos e outras/os. Se religiões são formas de conectar (*religare* é a raiz latina de “religião”) um/a com a/o outra/o sobre crenças e práticas compartilhadas, então a qualidade dessas conexões não é trivial. Justiça e igualdade são marcas de relações corretas em muitas tradições. As interconexões entre questões de justiça agora moldam a pesquisa religiosa feminista. Em julho de 1848, a Convenção de Seneca Falls aconteceu na Capela Wesleyana naquela pequena cidade histórica no norte do estado de Nova Iorque. Elizabeth Cady Stanton leu a “Declaração de Sentimentos e Reclamações” que se tornou a base das reivindicações de mulheres à igualdade com homens, incluindo, obviamente, o direito de votar. Foi a mesma líder sufragete Elizabeth Cady Stanton, que, em 1885 com seu Comitê de Revisão, publicou *A Bíblia da Mulher*.⁵ Esse livro é uma compilação de textos de exegese bíblica que tem relação com mulheres, escritos desde a perspectiva de mulheres. A coleção se esgotou, mas foi revivida nos anos de 1970 na medida em que o interesse aumentou em assuntos sobre mulheres e religião.

Meio século depois, em 1969 em Geneva, Nova Iorque, o primeiro artigo que eu conheço na literatura de língua inglesa sobre religião e gênero foi escrito e publicado. A Professora Valerie Saiving Goldstein do Hobart e William Smith College escreveu “A

⁵ Elizabeth Cady Stanton, *The Woman's Bible*, New York, European Publishing Co., 1895-98.



situação humana: uma visão feminina.”⁶ Ela argumentou que a natureza do pecado era diferente para mulheres e homens – homens pendendo para o lado do poder, tomando muito espaço, enquanto o pecado das mulheres era o oposto, não levar outras mulheres a sério, nos trivializando, desempenhando multitarefas (antes que nós conhecêssemos a palavra) de modo que mulheres não tivessem um centro organizador. A questão dela era que se Jesus viesse para salvar todos os homens dos pecados do orgulho, como alguns dos teólogos protestantes proeminentes do seu tempo argumentavam, talvez Jesus não viesse salvar as mulheres em última instância. Independentemente da visão que se tenha sobre o trabalho de Valerie Sivings, a principal contribuição foi que estudiosos/as se deram conta de que religião é uma atividade generificada.

Na medida em que o trabalho feminista em religião progrediu com a Segunda Onda de movimentos feministas e teologias da libertação na década de 1970, a obra fundamental da filósofa feminista Mary Daly *Para além de Deus pai* emergiu.⁷ Ela popularizou o problema de gênero ao afirmar que “Se Deus é homem, então o homem é Deus.”⁸ A partir deste insight simples e claro se seguiu o que nós temos agora cinco décadas de pesquisa em virtualmente toda tradição religiosa lidando com as implicações de gênero na formatação das religiões e da sociedade.

Pesquisas e mudanças em doutrinas, práticas, rituais e especialmente na linguagem e imaginário do divino agora são comuns nas religiões do mundo. Eu ousou dizer que essas conversas geralmente não foram fáceis, amigáveis, ou até mesmo em alguns casos, racionais. Mas isso é uma razão ainda maior de porque elas são importantes. Na medida em que mais e mais mulheres se tornam líderes religiosas, a urgência dessa conversa aumenta para que não simplesmente repliquem os modelos que elas herdaram.

A criação de gênero como uma categoria para análise e mudança não foi universalmente positiva. Por exemplo, o Papa Francisco, afirmou: “Um grande inimigo do casamento hoje é a teoria de gênero... Hoje, há uma guerra global tentando destruir o casamento... eles não o destroem com armas, mas com ideias. São certos modos

⁶ Valerie Saiving Goldstein, “The Human Situation: A Feminine View,” *The Journal of Religion* 40, no. 2 (1960): pp. 100-112.

⁷ Mary Daly, *Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation*, Boston, MA: Beacon Press, 1973.

⁸ Mary Daly, p. 19.



ideológico de pensar que o estão destruindo... nós temos que defender-nos da colonização ideológica.”⁹

Eu discordo da avaliação do Papa e acho que ela é lamentavelmente mal-informada. Eu duvido que ele poderia citar estudiosas feministas de religião sérias tentando destruir qualquer coisa. Ao invés disso, nós buscamos criar e construir sobre a base de insights em evolução. Mas ele acerta em uma coisa, nomeadamente, que há implicações práticas da “teoria de gênero” na vida cotidiana. Aquelas que eu prefiro tornarão o mundo mais seguro para mulheres, pessoas trans/não-binárias e crianças dependentes, de fato também para homens.

A mudança na terminologia do que começou como “estudos de mulheres em religião” para “estudos feministas em religião,” e depois para “estudos de gênero”, não deve obscurecer a agenda ativista implícita na maior parte do trabalho. Enquanto alguns acadêmicos fogem de até mesmo da conversa sobre ativismo, é importante reconhecer que a maioria que está engajada nesse trabalho não estão simplesmente interessadas. Tais estudiosas/ativistas estão preocupadas em criar um mundo mais seguro, justo e equitativo. Esse não são propósitos mutuamente exclusivos – pesquisa e mudança social. Mas se lida mais prontamente e realisticamente com os problemas com um foco claro nas questões interestruturais – raça e gênero, classe e sexualidade, por exemplo, na medida em que o preço horrível da opressão escala.

A religião tem o poder de moldar valores básicos. A afirmação editorial do principal periódico na área, o *Journal of Feminist Studies in Religion*, co-fundado pela pesquisadora bíblica feminista cristã Elisabeth Schüssler Fiorenza e pela teóloga feminista judia Judith Plaskow, o transmite claramente: “Suas editoras estão comprometidas com pensamento e análise rigorosa a serviço da transformação dos estudos em religião como uma disciplina e com a transformação feminista das instituições religiosas e culturais.”¹⁰

⁹ Inés San Martín, Pope calls gender theory a ‘global war’ against the family, *Crux*, October 1, 2016. Disponível em: <<https://cruxnow.com/global-church/2016/10/01/pope-calls-gender-theory-global-war-family>>. Acesso em 20 de abril de 2025.

¹⁰Journal of Feminist Studies in Religion. Disponível em: <<http://www.iupress.indiana.edu/pages.php?pID=84&CDpath=4>> acesso em 20 de abril de 2025.

*B. A relação entre estudos feministas em religião e ativismo social*

Considerando essa história, não surpreende que muitas das que agora trabalham no campo dos estudos feministas em religião também estão muito conscientes do quão importante é não simplesmente “adicionar mulheres à mistura” como eu adverti anos atrás.¹¹ Ao invés disso, nós buscamos mudar essas crenças e práticas religiosas que vão contra o bem-estar de quem é marginalizada/o seja por gênero, raça, identidade sexual, idade, habilidade ou outras. Exemplos óbvios estão relacionados com justiça reprodutiva, direitos LGBTIQA e questões ambientais para as quais a análise nuançada e interestruturada das muitas formas de injustiça é necessária. Esses dados se tornam parte de uma hermenêutica para olhar para textos, ensinamentos e práticas.

Para quem percebe as religiões como imutáveis, gênero, antirracismo e análises relacionadas apresenta um sério desafio. Para quem se alia ao teólogo moral Daniel C. Maguire em afirmar “a energia moral renovável da religião”, esse trabalho é uma segunda natureza.¹² Nós reconhecemos que as mesmas religiões que são a fonte de visões e ímpetus por justiça também podem ser barreiras para a sua realização. Essa é uma situação preocupante e inquietante, mas real.

Liturgias e rituais são uma das formas primárias pelas quais a maioria das pessoas encontra a religião, como quando sua mãe falece, ou sua comunidade celebra seus dias santos. Linguagem inclusiva sobre o divino e sobre seres humanos faz toda a diferença em relação a se algumas pessoas conseguem orar ou não. Mas esforços no cristianismo, por exemplo, para ir além do vocabulário “Senhor Pai, Soberano, Rei” para o divino especialmente em hinos e pregações, têm sido muito infrutíferos. Ganhos foram obtidos, mas retrocesso é mais comum.

Muitos grupos religiosos liderados por mulheres trabalham no mundo secular assim como no religioso. Por exemplo, a Presidenta de Muçulmanas/os por Valores Progressistas Ani Sonnenfeld discute imãs mulheres e muçulmanas/os queer na mídia popular. A Aliança Feminista Ortodoxa Judia fundada por Blu Greenberg é formada por mulheres ortodoxas judias “expandindo as oportunidades espirituais, rituais, intelectuais

¹¹ Mary E. Hunt quoted in, Charlotte Bunch, *Passionate Politics: Feminist Theory in Action*, New York: NY: St. Martin's Press, 1987, 140.

¹² Daniel C. Maguire, “renewable moral energy of religion,” *Sacred Energies*, Minneapolis, MN: Fortress Press, 2000, 10.



e políticas para mulheres no marco da halakha,” ou lei judaica.¹³ Esses são todos desafios fundacionais para as grandes tradições religiosas com base em gênero.

É importante apontar que enquanto nós costumávamos saber o que uma mulher e um homem eram, hoje não há razão para estar segura/o e menos razão para se preocupar a menos que se queira discriminar. Pessoas transgênero têm desafiado tudo isso e eu agradeço a elas. A natureza diversa e fluída de identidade de gênero e orientação sexual é amplamente reconhecida. Por exemplo, se uma mulher lésbica numa relação com uma mulher decide se tornar um homem, isso torna a sua parceira heterossexual de uma hora para outra? Se um homem transiciona para ser uma mulher, ele experimenta sexismo da mesma forma que aquelas que nasceram mulheres? Essas não são perguntas triviais. Elas afetam as vidas reais de pessoas e elas são questões de justiça. Um projeto que iniciou uma importante conversa a esse respeito resultou no livro intitulado *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*.¹⁴ Uma dúzia de estudiosas de oito países e seis tradições religiosas abordou a nós mesmas sobre a pergunta o que mulheres pensam que é “sexo bom”. Virtualmente cada resposta religiosa à pergunta que nós estudamos veio de perspectivas masculinas. De fato, as respostas das mulheres foram diferentes. Por exemplo, eu abordei o que eu chamei de “Just Good Sex” [Sexo Bom Justo], o artigo sugerido como leitura de pano de fundo para essa análise, relacionado o bom do sexo com o bom de ter moradia, alimento, um emprego, com o bom de segurança e consentimento.¹⁵ Uma colega judia lidou com questões de tabus, quando algo é bom porque é ruim.¹⁶ Uma escritora muçulmana olhou para o Islã e a sexualidade das mulheres.¹⁷

Outro projeto como esse foi *Heterosexism in Contemporary World Religion: Problem and Prospect* [Heterossexismo nas religiões mundiais contemporâneas:

¹³ Jewish Orthodox Feminist Alliance. Disponível em: <https://www.jofa.org/>. Acesso em 20 de abril de 2025.

¹⁴ Patricia Beattie Jung, Mary E. Hunt, Radhika Balakrishnan, eds., *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*, Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001.

¹⁵ Mary E. Hunt, “Just Good Sex: Feminist Catholicism and Human Rights,” in *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*, Eds. Patricia Beattie Jung, Mary E. Hunt, Radhika Balakrishnan, Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001, p. 158-173.

¹⁶ Rebecca T. Alpert, “Guilty Pleasures: When Sex Is Good Because It’s Bad,” in *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*, Eds. Patricia Beattie Jung, Mary E. Hunt, Radhika Balakrishnan, Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001, p. 31-43.

¹⁷ Pinar Ilkcaracan, “Islam and Women’s Sexuality: A Research Report from Turkey,” in *Good Sex: Feminist Perspectives from the World's Religions*, Eds. Patricia Beattie Jung, Mary E. Hunt, Radhika Balakrishnan, Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001, p. 61-76.



Problema e prospectiva] editado por Marvin Ellison e Judith Plaskow.¹⁸ Autoras/es de uma variedade de tradições religiosas exploraram não homossexualidade, assunto sobre o qual tanto foi escrito, mas heterossexismo, um tema muito menos estudado, mas profundamente problemático. Isto foi escrito aproximadamente 20 anos atrás embora a conversa religiosa continue focando excessivamente em homossexualidade.

Na medida em que nossas religiões mudam com base nesse tipo de trabalho feminista, na medida em que sua “energia moral renovável” é liberada, há um aumento concomitante em mudança social. Mas há uma queda bastante profunda nos Estados Unidos da América no número de adeptas/os religiosas/os. Pesquisas sobre presença nos bancos das igrejas mostram um declínio acentuado nas principais tradições embora outros grupos revelem pequenos incrementos.¹⁹

O desafio da religião no século 21 é encontrar formas de viver com muitas formas diferentes, às vezes sobrepostas, de ser em comunidade. Não é fácil, mas marchas e protestos provam que muitas pessoas estão dispostas a tentar. É com isso que uma espiritualidade feminista encarnada se parece descendo a rua.

As artes desempenham um papel principal nesse tipo de mudança social. Assim, não foi surpreendente que no dia da Marca de Mulheres em D.C. depois da primeira eleição de Trump em 2021, o Museu Nacional de Mulheres e Artes abriu suas portas sem custo. Centenas de pessoas, muitas delas novas ao museu de quase quarenta anos de idade, tiveram seu primeiro vislumbre de uma coleção que é quase exclusivamente formada por trabalhos de mulheres. O prédio foi originalmente um Templo Maçônico; agora é um templo de um tipo feminista.

Viver com o desconforto da diversidade a fim de ir adiante não é um sinal de relativismo barato, mas um marco na espiritualidade feminista. Sem abandonar as próprias crenças, é possível cruzar o foci rígido e estreito que tem impedido os esforços ecumênicos e interfé patriarcais de ter sucesso. Não é um sinal de secularização desenfreada. Assim, e mesmo se fosse e ainda assim conseguisse fazer o trabalho de justiça? Ao invés disso, é evidência de religiosidade razoável e responsável. São formas

¹⁸ Marvin Ellison and Judith Plaskow, Editors, *Heterosexism in Contemporary World Religion: Problem and Prospect*. Cleveland, OH: Pilgrim Press, 2007.

¹⁹ Michael Lipka and David McClendon, Pew Research Center, “Why people with no religion are projected to decline as a share of the world’s population”. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/07/why-people-with-no-religion-are-projected-to-decline-as-a-share-of-the-worlds-population/>. Acesso em 20 de abril de 2025.



de espiritualidade que são expressas pelo acolhimento de uma visão compartilhada de florescimento humano e harmonia cósmica.

O artigo *Bodies Don't Lie: A Feminist Theological Perspective on Embodiment*, [Corpos não mentem: Uma perspectiva teológica feminista sobre corporeidade] oferecido como um exemplo de algumas das ideias nessa análise, foi uma palestra que eu apresentei em Belém, Brasil, em 2009 num encontro do Fórum Mundial de Teologia da Libertação. Eu usei teologias feministas, queer e da deficiência para dizer que “prover contracepção e aborto seguros, legais e econômicos é uma condição mínima para justiça num mundo em que a construção dos corpos de mulheres e homens se dá de forma diferente quando se trata de sexo e reprodução”. Ainda que eu nuançaria esse argumento agora para incluir pessoas trans e não-binárias, eu afirmo a direção básica daquela afirmação.

Ainda assim, eu lamento informar que aquele artigo, baseado numa palestra na conferência, deveria ter sido incluído no volume de artigos do encontro em Belém. Mas por causa do foco em justiça reprodutiva, o editor decidiu que a editora católica não o publicaria, e assim o editor decidiu não o incluir. Muitas colegas, especialmente mulheres, protestaram sem sucesso. Isso continua sendo um escândalo. É um exemplo do modo em que muito do trabalho feminista em religião tem sido rejeitado ao longo dos anos por colegas patriarcais assustados, independentemente do quão liberais ou até mesmo progressistas eles podem imaginar-se, que não estão dispostos a arriscar nenhum de seus privilégios para apoiar o bem-estar das mulheres. Minhas colegas mulheres latino-americanas relataram que isso não era incomum uma vez que elas também eram tratadas de uma forma tão arrogante.

Considerações finais

O que podemos razoavelmente esperar no futuro

1. Tecnologia, mídias sociais, e coisas do tipo acelerarão a taxa de mudança, a rapidez com que novas ideias sobre formas diversas e inclusivas de ser religiosa/o vão se dar. Infelizmente, elas também inflamam as chamas de ideologia conservadora. Isso é óbvio. Mas eu acho que as pessoas têm crescentemente menos tolerância com ranços ideológicos quando vidas estão em jogo. Por exemplo, para muitas/os católicas/os, não é



mais tolerável escutar retórica anti-LGBTIQA quando adolescentes queer estão se matando. Eu trabalho com muitas mulheres jovens que são positivamente geniais e na mesma proporção generosas em compartilhar suas habilidades. Nós precisamos de pessoas jovens para liderar nosso trabalho em novas direções e com novos recursos.

2. A emergência de pessoas “espirituais, mas não religiosas”, “nenhuma das anteriores”, ou “nunca mais” na medida em que as categorias evoluem, significa que o trabalho sobre gênero e religião, de fato todas as particularidades interestruturais com as quais nós agora analisamos as religiões, devem ser feitas de maneira concertada com pessoas que não são religiosas. Há muitas delas e elas trazem insights ricos para a conversa. Uma das formas em que essa conversa acontece é através de ação social compartilhada como as marchas de mulheres – campanhas políticas, esforços de lobby, registro para votação – onde nossas crenças estão articuladas com ações e não ações ditadas por crenças. Eu fico muito feliz em expandir muito além dos círculos religiosos uma vez que muitas pessoas já deixaram esses lugares.

3. Ao mesmo tempo, há poucas ou nenhuma fonte de visão e criatividade tão rica e tão profunda como nossas tradições religiosas. Pense em arte, música e rituais religiosos, todos sendo reimaginados de acordo com luzes feministas e desde outros pontos de partida de visões de justiça. Considere os insights de textos sagrados que estão sob profunda escavação e renovação por estudiosas de textos. Elas estão fazendo grandes diferenças nas vidas e práticas de muitas pessoas. Então não é difícil imaginar coalizões recém-formadas de pessoas religiosas que são inclusivas de gênero, em solidariedade econômica um/a com a/o outra/o, pró-sexo, falando diversos idiomas e usando qualquer meio. Elas oferecem apoio e inspiração para mudança social que vai além do que qualquer tradição de fé pode oferecer. Então é óbvio porque o dinamismo religioso e a ação feminista são âncoras importantes para a espiritualidade feminista contemporânea, e o tamanho da diferença que isso tudo faz no mundo.

4. Como as eleições dos EUA provaram, a emergência de diversas formas de fascismo está sobre nós. Eleger um presidente que é o agressor sexual em série, alguém que encorajou pessoas a derrubar um governo porque ele não venceu a eleição e que levou documentos governamentais confidenciais para casa é impossível explicar de outra forma. Em novembro de 2024, a Rede de Teólogas Feministas da Libertação de WATER se encontrou em San Diego, California para discutir “Eleições têm



consequências”. Nós discutimos ideias ambiciosas como olhar para questões de Diversidade, Equidade e Inclusão assim como para o *Project 2025* do Brookings Institute. Nós não estamos cantando canções felizes e rezando o rosário. Ao invés disso, como uma das apresentadoras, Dra. Rita Nakashima Brock, nos encorajou, nós vamos “valorizar as fortes amigas que nos sustentam e que nos manterão na luta...”. Eu ofereço essa análise nesse espírito de amizade como parte do privilegiado trabalho de estudos feministas em religião.

Referências bibliográficas

ALPERT, Rebecca T. Guilty pleasures: when sex is good because it's bad. In: JUNG, Patricia Beattie; HUNT, Mary E.; BALAKRISHNAN, Radhika (org.). *Good sex: feminist perspectives from the world's religions*. Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001. p. 31–43.

DALY, Mary. *Beyond God the Father: toward a philosophy of women's liberation*. Boston, MA: Beacon Press, 1973.

ELLISON, Marvin; PLASKOW, Judith (org.). *Heterosexism in contemporary world religion: problem and prospect*. Cleveland, OH: Pilgrim Press, 2007.

GOLDSTEIN, Valerie Saiving. *The human situation: a feminine view*. The Journal of Religion, v. 40, n. 2, p. 100–112, 1960.

HUNT, Mary E. Bodies don't lie: a feminist theological perspective on embodiment. In: *World Forum on Theology and Liberation*, 2009, Belém. Anais [...]. Belém, PA, 24, 2009.

HUNT, Mary E. Just good sex: feminist Catholicism and human rights. In: JUNG, Patricia Beattie; HUNT, Mary E.; BALAKRISHNAN, Radhika (org.). *Good sex: feminist perspectives from the world's religions*. Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001. p. 158–173.

HUNT, Mary E. *Sexo bom, sexo justo: catolicismo, feminista e direitos humanos*. Cadernos nº7, Católicas pelo Direito de Decidir, São Paulo, 2001.

HUNT, Mary E. Citada em: BUNCH, Charlotte. *Passionate politics: feminist theory in action*. New York, NY: St. Martin's Press, 1987. p. 140.

ILKKARACAN, Pinar. Islam and women's sexuality: a research report from Turkey. In: JUNG, Patricia Beattie; HUNT, Mary E.; BALAKRISHNAN, Radhika (org.). *Good sex: feminist perspectives from the world's religions*. Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001. p. 61–76.



JEWISH ORTHODOX FEMINIST ALLIANCE. Disponível em: <https://www.jofa.org/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

JOURNAL OF FEMINIST STUDIES IN RELIGION. Disponível em: <http://www.iupress.indiana.edu/pages.php?pID=84&CDpath=4>. Acesso em: 8 abr. 2025.

JUNG, Patricia Beattie; HUNT, Mary E.; BALAKRISHNAN, Radhika (org.). *Good sex: feminist perspectives from the world's religions*. Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2001.

LIPKA, Michael; McCLENDON, David. *Why people with no religion are projected to decline as a share of the world's population*. Pew Research Center, 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/07/why-people-with-no-religion-are-projected-to-decline-as-a-share-of-the-worlds-population/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

MAGUIRE, Daniel C. Renewable moral energy of religion. In: MAGUIRE, Daniel C. *Sacred energies*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2000. p. 10.

PEW RESEARCH CENTER. *Why people with no religion are projected to decline as a share of the world's population*. 2017. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/07/why-people-with-no-religion-are-projected-to-decline-as-a-share-of-the-worlds-population/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SAN MARTÍN, Inés. *Pope calls gender theory a 'global war' against the family*. Crux, 1 out. 2016. Disponível em: <https://cruxnow.com/global-church/2016/10/01/pope-calls-gender-theory-global-war-family>. Acesso em: 8 abr. 2025.

STANTON, Elizabeth Cady. *The woman's Bible*. New York: European Publishing Co., 1895–1898.